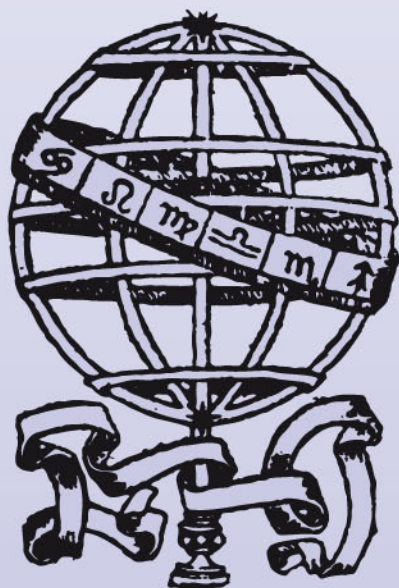


FELICIANO JOAQUIM DE SOUSA NUNES

# DISCURSOS POLÍTICO-MORAIS

Prefácio de ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## ÍNDICE

<i>Prefácio,</i> por ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA .....	11
---	----

### *DISCURSOS POLÍTICO-MORAIS*

Carta do autor ao marquês de Pombal .....	25
Ao leitor .....	27
Satisfação apologética .....	29
Carta do P. <sup>e</sup> Mestre Fr. Francisco das Chagas .....	45
Carta do P. <sup>e</sup> Mestre Fr. José António de Santa Ana .....	49
Carta do P. <sup>e</sup> Mestre Fr. Bernardo de Vasconcelos .....	53
Carta do Dr. Francisco Fernandes Simões .....	55
Carta do P. <sup>e</sup> António Lopes de Amorim .....	57
Carta do Capitão João Carneiro da Silva .....	61
Epigrama latino de Fr. Manuel de S. Gertrudes .....	63
Epigrama latino de um anónimo .....	65
Epigrama latino de um anónimo .....	67
Soneto do Dr. Manuel Tavares de Siqueira e Sá .....	69
Soneto de I. P. L. ....	71
Soneto do P. <sup>e</sup> Mestre Fr. Manuel da Encarnação .....	73
Romance endecassílabo do licenciado José Pereira Leão .....	75

## DISCURSO I

*Riqueza excessiva é pobreza consumada. Tudo tem quem possui o que lhe basta: tudo perde quem pretende ter mais do necessário ..... 79*

## DISCURSO II

*A riqueza não confere nobreza aos homens: enganam-se os que entendem, que daquela teve esta a sua origem. Na diferença das acções está a distinção dos homens: as que os distinguem são as que os diversificam .... 93*

## DISCURSO III

*É o estado conjugal o mais útil, e pode ser o mais danoso. As qualidades da esposa o fazem ser bom ou mau. Sem honestidade todas as mais prendas da esposa redundam em descrédito do estado. O seu maior e melhor dote é a honestidade ..... 109*

## DISCURSO IV

*Devem os pais enquanto vivem, se podem, dar estado aos seus filhos. Não hão-de esperar que estes o tomem ou que outrem lho dê. O melhor será aquele em que tiverem exercício mais proporcionado ao seu génio e agilidade. O mais acertado será dotá-los daqueles bens que se não podem perder nem dissipar ..... 129*

## DISCURSO V

*Necessário e proveitosíssimo é o entendimento a toda a racional criatura: nestas o maior defeito é a ignorância. Não são as mulheres defeituosas na organização do cérebro, como erradamente entenderam alguns: são mais capazes dos actos intelectuais do que entendem outros. Não há nelas negação para as artes e ciências. Grandes utilidades experimentaríamos os pais de famílias se as aplicassem a elas ..... 144*

## DISCURSO VI

*A superioridade entre irmãos está na capacidade e não nos anos. O maior é aquele que é melhor. O mais sábio, o mais prudente e o mais virtuoso é o que aos outros irmãos deve ser superior. A maioridade entre estes está na capacidade, na idade não ..... 163*

## DISCURSO VII

*O amigo verdadeiro é o maior tesouro da vida; o fingido e falso, o pior verdugo dela. Muitos são os bens que nos resultam de um bom amigo; e muitos mais os males que nos provêm do que, sem o ser, nos persuade que o é. Procure-o virtuoso, sábio e igual quem o quiser achar perfeito .....*

183

## PREFÁCIO

1. *Pensador em geral desatendido e apressadamente arrumado como mais um representante da moral católica tradicional, o que tem levado a associá-lo, indevidamente, a Nuno Marques Pereira (1655-1735) e ao seu Compêndio Narrativo do Peregrino da América e a incluir ambos num pretenso saber de salvação, entendido em sentido implicitamente negativo ou restritivo, não coincidente com o que lhe atribuía Max Scheler<sup>1</sup>, numa perspectiva sociológica e não filosófica ou de história das ideias, o luso-brasileiro Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, mau grado o carácter por vezes fruste dos seus Discursos Político-Morais (1758), que denuncia o autodidactismo e a relativa juventude do autor, não deixa de integrar-se na linha de renovação e abertura intelectual e reflexiva do período joanino, avançando ousadas propostas críticas do sistema de valores sociais de meados de Setecentos.*

*Para o assinalável desinteresse ou desatenção de que tem sido alvo o moço moralista fluminense parece haverem concorrido não só a muito escassa informação de que ainda hoje se dispõe a seu respeito como o funesto destino a que as iras pombalinas condenaram a obra que com tanto entusiasmo mandara imprimir em Lisboa e ingenuamente dedicara ao despótico ministro de D. José.*

*Sabe-se que nasceu no Rio de Janeiro, em data que se ignora mas se admite se situe à volta de 1730, que pertenceu à Academia dos Selectos, que congregava boa parte da intelectualidade flumi-*

---

<sup>1</sup> *Sociologia del Saber*, trad. José Gaos, Madrid, 1935.

nense, que terá ocupado lugares de algum relevo na administração pública, nomeadamente no Erário Régio, havendo falecido, na sua terra natal, no final da primeira década do século XIX, provavelmente em 1808<sup>2</sup>.

Além dos Discursos, conhecem-se-lhe dois breves opúsculos<sup>3</sup>, havendo ainda notícia de que terá deixado o manuscrito de um tratado de moral, intitulado Política Brasílica, de que Varnhagen afirmava possuir uma cópia, cujo paradeiro, no entanto, se ignora<sup>4</sup>.

2. Longa e prolixamente intitulada Discursos Político-Morais, comprovados com vasta erudição das Divinas e humanas Letras, a fim de desterrar do mundo os vícios mais inveterados, introduzidos e dissimulados, a obra reflexiva do escritor fluminense deveria constar, ao todo, de oito volumes, tendo o primeiro sido concluído alguns anos antes da sua edição olissiponense, pois datam de 1755 várias das cartas de destacadas individualidades civis e eclesiásticas do Rio de Janeiro que os apreciam, naturalmente, de modo muito favorável e neste volume abonatoriamente figuram.

Amparado, assim, em tão doutas e prestigiadas opiniões, empreendeu Sousa Nunes uma deslocação à capital portuguesa, onde, em 1758, muito provavelmente a expensas suas, na oficina de Miguel Manescal da Costa, «impressor do Santo Ofício», como no rosto se esclarece, fez imprimir o primeiro volume da obra, que, em desafortunada hora, decidiu dedicar ao todo-poderoso futuro conde de Oeiras, sem que, decerto por desconhecer as rígidas regras protocolares do tempo, houvesse tido o cuidado de, previamente, solicitar a aceitação do arrogante secretário de Estado dos Negócios do Reino.

---

<sup>2</sup> Cf. Inocêncio, *Dic. Bibliog.*, vol. IX, Lisboa, 1870, pp. 208-209, pref. de Alberto de Oliveira à reedição dos *Discursos* pela Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931, e António Paim, *História das Ideias Filosóficas no Brasil*, 5.<sup>a</sup> ed., Londrina, 1997, p. 296.

<sup>3</sup> *Venturosos anúncios na chegada do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês do Lavradio à Cidade do Rio de Janeiro por Vice-Rei e Capitão General do Estado do Brasil*, Lisboa, 1771, e *Demonstração do Maior Júbilo no Fausto Dia 12 de Março de 1769 em que se celebraram os Anos do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Azambuja*, *idem*.

<sup>4</sup> Cf. Inocêncio, *Dic. Bibliog.*, vol. II, Lisboa, 1859, p. 256.

*Esta grave quebra da etiqueta, aliada a algumas «doutrinas anarquistas» que, no entendimento do dedicado, a obra acolhia, concitaram a ira de Carvalho e Melo, que, além de repreender severamente Sousa Nunes, determinou o seu imediato regresso ao Brasil e a destruição, pelo fogo, de todos os exemplares do recém-impresso primeiro volume dos Discursos e do manuscrito inédito dos restantes. Deste sumário «auto-de-fé» ter-se-ão, contudo, salvo três exemplares da obra, que o autor, entretanto, expedira para o Brasil, o que possibilitou que, um século depois, dela se fizesse uma nova edição (1851) e que, por benemérita iniciativa da Academia Brasileira de Letras, viesse novamente a ser impressa em 1931*<sup>5</sup>.

3. O primeiro volume dos Discursos do moço moralista fluminense que a fortuna permitiu chegasse até nós, iludindo, postumamente, a despótica fúria do futuro marquês de Pombal, além de uma introdutória «Satisfação apologética», compreende sete «discursos», de idêntica extensão, que versam, sucessivamente, sobre a riqueza (I), a nobreza (II), o estado conjugal (III), a educação dos filhos (IV), as capacidades intelectuais do sexo feminino (V), a primogenitura (VI) e o valor da verdadeira amizade (VII).

Não havendo frequentado regularmente o ensino, mas sendo senhor de assinalável erudição e de abundantes leituras, não só da tradição bíblica como dos autores antigos e medievais e da mais significativa literatura portuguesa dos dois séculos anteriores, com particular destaque para Vieira, por quem, visivelmente, nutria grande admiração, Feliciano Sousa Nunes revela ainda conhecer várias das figuras mais destacadas da reflexão portuguesa sua contemporânea, como Martinho de Mendonça, Matias Aires e Teodoro de Almeida, e dominar diversas línguas, como o latim, o castelhano e o francês.

---

<sup>5</sup> Inocêncio, *ob. cit.*, vol. IX, p. 209, informa que, em 1865, nos restos da livraria que fora de Pereira de Sousa, encontrou um exemplar da 1.<sup>a</sup> edição dos *Discursos*, o qual terá passado depois para Aníbal Fernandes Tomás e deste para Alberto de Oliveira (que prefaciou a edição de 1931). Os dois exemplares restantes pertenciam, em 1931, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ignorando-se se ainda aí se encontram.

*Era, precisamente, o carácter autodidáctico da sua ampla formação cultural, que a sua prosa sóbria e elegante e retoricamente correcta e eficaz abundantemente documenta, que o levava a sentir a necessidade de se justificar por, desprovido de títulos académicos, ousar penetrar na república das letras e no exigente domínio da reflexão filosófica e ética. Essa a razão de ser da aludida «Satisfação apologética» que abre este primeiro e, infelizmente, único volume dos seus Discursos.*

*Aí, abonando-se no erudito P.<sup>e</sup> Feijó, e contra aqueles que se dedicam às artes e às ciências e cuja vaidade os leva a desprezar os que não têm os mesmos títulos e graus que eles, graus a que, nota, muitas vezes ascendem mais por fortuna do que por mérito, sustenta Sousa Nunes que «a crítica e a reflexão boa, justa e acertada não a dão os livros, nem os títulos nem os cargos, mas sim Deus», já que é o ser divino que dá aos homens «o claro entendimento, o engenho perspicaz e o juízo exacto». Se é verdade que se aprende com o entendimento, a ninguém é dado aprender a ter entendimento, do mesmo modo que o estudo, só por si, não dá talento poético ou retórico a quem não o tem e a frequência do ensino regular e formal não é condição necessária e suficiente da reflexão.*

*Com efeito, se a Filosofia é o estudo de todas as coisas assim como são, é filósofo, ou pode sê-lo, tanto o que tem completa informação ou conhecimento do pensamento platónico ou aristotélico como o que dele não tenha notícia mas a quem «Deus haja concedido um entendimento perspicaz e não vulgar e que, discorrendo naturalmente sobre alguns objectos penetráveis ao discurso, os alcancem e conheçam», ainda que não tenha cursado as aulas, como acontecia consigo, que longamente estudara sozinho, sendo «mestre de si mesmo»<sup>6</sup>.*

4. *Subjacente à reflexão ético-política expressa nos diversos ensaios ou «discursos» de Sousa Nunes encontra-se uma doutrina antropológica de inegável e assumida matriz cristã, mas que não deixa, porém, de, nalguns pontos, apresentar certa individualidade e autonomia.*

---

<sup>6</sup> *Discursos*, pp. 39-40 da presente edição.



*Aceitando que o ser humano, produto de um acto criador divino, é composto de duas substâncias de diversa natureza e que, em cada indivíduo, a criação do corpo antecede a da alma, Sousa Nunes pensava que o entendimento constitui a mais alta potência do ser racional, acima da vontade e da memória, cabendo-lhe ensinar, reger e sujeitar todas as criaturas racionais, sem diferença de sexos nem qualidade de pessoas.*

*O pensador luso-brasileiro não só entendia que a natureza todos os homens produz iguais, pois que todos são nascidos do mesmo Adão, sendo o modo de proceder o que os torna diferentes uns dos outros, como sustentava haver na mulher a mesma capacidade e aptidão intelectual que nos homens e defendia que a culpa do pecado original não nos vem por Eva mas exclusivamente por Adão. Com efeito, segundo Sousa Nunes, que procura apoiar-se aqui nas palavras de S. Paulo, «todos os homens em Adão pecaram», Eva, ao comer o fruto proibido, apenas perdeu a graça actual, enquanto Adão, ao fazê-lo, incitado por Eva, perdeu a justiça original, o que constituiu o verdadeiro pecado original e determinou a alteração ou a degradação do primeiro estado ontológico do homem<sup>7</sup>.*

*Para o autor dos Discursos, os valores mais importantes de que o homem dispõe neste mundo temporal seriam a salvação, ligada ao seu destino transcendente, a liberdade, que lhe permite optar e dar um rumo pessoal à sua vida, e a mesma vida<sup>8</sup>. Por seu turno, o saber que o homem logra alcançar e lhe permite orientar-se na vida tem como fontes a razão, o discurso, a verdade e a experiência<sup>9</sup>.*

*Era com base neste conjunto de tópicos antropológicos, que aparecem afirmados ou enunciados dispersa e não sistematicamente no conjunto da obra, que se desenvolvia a reflexão de Sousa Nunes e as posições que defendia relativamente à família, à educação dos filhos, ao papel da mulher e à primogenitura, à nobreza, à riqueza e ao trabalho, ou à amizade, e que iremos considerar de seguida.*

5. Dois tópicos fundamentais definem e individualizam a reflexão moral do injustamente esquecido pensador setecentista: a deci-

---

<sup>7</sup> Pp. 158-159.

<sup>8</sup> P. 89.

<sup>9</sup> P. 104.

*siva importância que atribuía à família e ao estado conjugal e a valorização do trabalho, dos quais vinham a decorrer, por um lado, as suas concepções sobre a mulher e a educação e, por outro, a forma como entendia a riqueza e a nobreza, aí se revelando a experiência vital de quem conquistou o seu lugar na sociedade, não pelo nascimento ou pelo sangue, mas pelo labor árduo e pelo persistente estudo.*

*Diversamente de Matias Aires, com cuja reflexão a sua não deixa de ter algumas afinidades ou pontos de contacto, Sousa Nunes assume, sem complexos, a sua condição de burguês e autodidacta, não tendo nunca, que se saiba, procurado obter outra forma de nobilitação que não fosse o reconhecimento intelectual por parte dos homens cultos do seu meio e do seu tempo.*

*Tendo por indissolúvel a união matrimonial<sup>10</sup>, o moralista fluminense entendia que, pela importância de que, para a vida temporal do homem, se revestia a escolha da mulher que procure para esposa e futura mãe dos seus filhos, não deveria, nessa escolha, deixar-se arrastar pela ambição, pelo amor ou pelo gosto ou deixar-se seduzir pela beleza ou pelos atractivos físicos, devendo, pelo contrário, guiar-se, serenamente, pela razão e pela prudência e ouvir o conselho das suas potências mais nobres, o entendimento, a memória e a vontade.*

*Com efeito, sendo a mulher, no estado conjugal, amparo e socorro da débil natureza do homem, como o homem o deve ser da mulher, o mais estimável dote que aquela pode levar para a união matrimonial não são perecíveis e caducos bens materiais, mas sim a virtude, a honestidade, a honra e a discricção, pois só elas permitirão converter o «pesadíssimo jugo do matrimónio» nas «suavidades do estado conjugal». Sem tais prendas, a mulher «sempre será pobre ainda a que se preza de mais rica, sempre será humilde ainda a que se presume de mais nobre», correndo o homem que a desposar o grave risco de vir a perder a honra, a fama, quando não mesmo a liberdade, a vida e a salvação<sup>11</sup>.*

*A esta concepção moral sobre as virtudes que deve ter a mulher enquanto esposa está subjacente, cumpre lembrá-lo, a ideia, perflhada por Sousa Nunes, de que as mulheres não só são dotadas de*

---

<sup>10</sup> P. 110.

<sup>11</sup> Disc. III.